

Arquivo Vivo: Uma experiência de corpo político no espaço público

Ribamar Ribeiro¹

Resumo: Performance criada a partir de documentos de desaparecidos políticos, que mostram como podem estar ligados com a nossa história quando são interligados com estruturas de arquivos e papéis. O fio condutor não está calcado na dramaturgia, mas na experiência do espectador com a imagem. O artista relata a experiência de apresentar-se em espaço público e suas reverberações como corpo político. Esta apresentação ocorreu em 2019, na programação do XXII Encontro de Pesquisadores do PPGAV - EBA - UFRJ - Arte e memória em tempos de crise. Demonstra como esta experiência da performance provocou a vivência de novas camadas de atravessamento.

Palavras-chaves: Performance. Arquivo. Arte. Documento.

¹ Ribamar Ribeiro

Doutorando em Arte e Cultura Contemporânea - PPGARTES UERJ, Mestre em Artes, PPGARTES – UERJ, professor de Artes Visuais e Artes Cênicas. Ator, performer, dramaturgo, diretor teatral, coreógrafo, produtor, sonoplasta e secretário teatral. Diretor Artístico e fundador de Os Ciclomáticos Companhia de Teatro.

Contato: ribamar_ribeiro@yahoo.com.br.

ABERTURA PARA UM NOVO PROCESSO DE CRIAÇÃO

Faço parte de um núcleo de pesquisa e criação em Artes Cênicas, do qual sou um dos fundadores, Os Ciclomáticos Companhia de Teatro, que, em 2022, completa 26 anos de atividades. Toda minha experiência como ator, diretor, dramaturgo, produtor, sonoplasta, professor e secretário teatral, ao longo desses anos, permitiu-me um envolvimento intenso com as Artes Cênicas, sobretudo, no que diz respeito às práticas e reflexões sobre o ofício desenvolvidos pela companhia e no contato com outros grupos em inúmeros festivais e circuitos de teatro pelo Brasil. Ao me deparar, no Mestrado em Artes com diversas possibilidades de criação artística, percebi que outro universo apresentava-se e que eu também deveria me abrir para novas experiências, iniciando uma pesquisa com a arte da performance.

A INSPIRAÇÃO

A motivação para a criação da performance Arquivo Vivo, iniciou-se com a memória de um processo artístico desenvolvido com o texto A Corrente de Eléia, escrito por mim em 2005 e que foi montado como espetáculo em 2006, em uma encenação realizada por Os Ciclomáticos Companhia de Teatro, também sob minha direção.

A proposta do espetáculo A Corrente de Eléia consiste em apresentar ao espectador o universo do torturado e do torturador. Com isso, três reverberações artísticas foram elaboradas: 1 - O texto A Corrente de Eléia; 2 - o espetáculo A Corrente de Eléia e 3 - A performance cênica Arquivo Vivo (realizada recentemente e que venho reelaborando). O texto foi escrito a partir da história de Eléia, mesclado com trechos de testemunhos de pessoas torturadas no Brasil na forma de narração.

EXPERIÊNCIA

A experiência com a performance Arquivo Vivo se deu em local aberto. Até então, todas as apresentações haviam ocorrido em espaços fechados e isso, de certa forma, causou uma segurança e uma sensação de proteção, até porque estamos com os nossos pares e isso faz toda a diferença. Mas o que ocorre quando saímos para o mundo exterior, aberto e sem o estado protetivo em que o performer possa se segurar e se assegurar? Deixar a sala é um movimento, acredito eu, importante para o desenvolvimento da pesquisa da performance.

Esta apresentação ocorreu no Jardim do Museu da República, no Rio de Janeiro, fazendo parte da programação do XXII Encontro de Pesquisadores do PPGAV - Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o tema: Arte e memória em tempos de crise (Fig. 1). Mantendo os arquivos e as ações definidas na segunda experiência, o grande desafio nesta intervenção foi o de estabelecer contato com o público que transitava neste local. A performance ocorreu especificamente em frente ao coreto e assim ganhou maior visibilidade.



Fig. 1: Ribamar Arruda Ribeiro 2019). Performance Arquivo Vivo no XXII Encontro de Pesquisadores do PPGAV - EBA – UFRJ: Arte e memória em tempos de crise. Fonte: Arquivo da Performance Arquivo Vivo. Acervo do artista.

Inicialmente todos paravam, observavam à distância e não se aproximavam. Isso causava em mim mais ansiedade e angústia, o que serviu completamente para o corpo cênico formatado naquele instante. Quando um primeiro espectador acionou o dispositivo, outros também se aproximaram e, então, as ações transcorreram em fluxo natural.

Diante disso, me deparei com um dilema: como finalizar a performance? Nas outras ocasiões, eu simplesmente saía da sala e isso já determinava a finalização. Desta vez ocorreu de outra forma. Em dado momento, caminhei entre o público, arrastando todos os arquivos, já que eles estavam conectados em mim por meio de fios e me distanciei até encontrar um casal que conversava em um dos bancos do jardim. Fiquei parado defronte às duas pessoas. Depois de certo tempo, eles desamarraram as minhas mãos e tiraram a mordaca. Agradei o gesto e retornei ao ponto inicial determinado.

Esta ação foi impactante tanto para mim quanto para quem assistia. Foi uma decisão espontânea e real. Isso tornou essa apresentação mágica. Assim como no palco, quando alcançamos esse fenômeno mágico da conexão com o espectador, acredito que, na performance, podemos ter também uma teatralidade, como descrito por Féral:

Não há cena na performance, mas lugares. Na medida, pois, em que o lugar está preparado tendo em vista uma ação, dá-se um enquadramento espacial que solicita o olhar do espectador. O enquadramento cria um espaço, espaço do especular que se recusa tornar-se espetacular (FÉRAL, 2015, p. 142).

Podemos questionar este entendimento de enquadramento apresentado pela teórica francesa, pois, nesse caso específico, a performance não acontece numa galeria ou outro espaço fechado, mas sim no espaço ampliado de um jardim, sem enquadramento. Mas, ainda assim, é o olhar do espectador que constrói o lugar da cena.

IMPRESSÕES PROVISÓRIAS

Ainda tenho muitas dúvidas sobre as questões que aparecem em cada apresentação vivenciada. Como definir, por exemplo, o término da performance? Muitas propostas aparecem de acordo com o local e com as interações que acontecem. Aí está a força da performance. É o lugar do

abismo. Performar é transformar, passar para outra forma, estar em deslocamento de atividade. Reitero este olhar: tanto a cena performativa quanto a performance se estabelecem com a definição da presença. As duas artes pressupõem a presença, dentro do teatro e dentro das artes visuais. A ideia de teatro está na vontade de presença, em um corpo que está. Para que você esteja ampliado, é preciso estar ali. Desafio do contemporâneo: como articular este presente, com esse lugar do risco, do limiar?

Referências bibliográficas

FABIÃO, Eleonora. **Corpo Cênico, Estado Cênico. Revista Contrapontos – Eletrônica, Vol. 10 – nº 3**, 2010. Disponível em <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/2256/1721>. Acesso em 04 de abril de 2020.

FÉRAL, Josette. **Além dos limites: teoria e prática do teatro**. Tradução: J. Guinsburg, São Paulo: Perspectiva, 2015.

RIBEIRO, Ribamar Arruda. **A Corrente de Eléia. Portal de Dramaturgia de Língua Portuguesa**. 2005. Disponível em http://portaldlip.com/textos/a_corrente_de_eleia.pdf. Acesso 04 de abril de 2020.